



O conceito de decolonialidade e seu *ethos*ⁱ na luta anticolonialista como eticidade do ser humano

Eberson Luís Mota Teixeira

RESUMO

Este artigo intenta trabalhar a definição de decolonialidade perante a fenomenologia do Ser Humano na modernidade levando-se em consideração as raízes históricas e culturais como revigoramento da ancestralidade identitária. A empreitada utilizou-se da pesquisa bibliográfica em GIL (2009) numa perspectiva qualitativa (DESLANDES, 2007). Por conseguinte, como referencial teórico apresentamos MALDONADO (2007), DU BOIS (1998), MARX (2010) etc. Espera-se que esta azáfama acadêmica explicita a resistência calçada no pós-colonialismo para ressignificar o *modus operandi e vivendi* ante os efeitos nocivos do colonialismo na práxis do viver antirracista e antietnico vigorante nas análises de descortinamento nos matizes do movimento anti-imperialista do Sul Global.

Palavras-chave: Decolonialidade, ancestralidade, identitária, colonialismo, Sul Global.

INTRODUÇÃO

Este opúsculo tem como mote a investigação da decolonialidade mancomunada com o processo sistêmico de imperialismo e o padrão de poder outorgado ao Ser Humano, através de séculos de escravidão e dominação das elites, em presença de múltiplos povos como ações do aparelhamento estatal. Neste sentido, ALTHUSSER (1980) nos orienta:

Para se avançar na teoria do Estado, é indispensável ter em conta, não só a distinção entre poder de Estado e aparelho de Estado, mas também outra realidade que se situa

manifestamente do lado do aparelho (repressivo) de Estado, mas não se confunde com ele. Designaremos esta realidade pelo seu conceito: os aparelhos ideológicos de Estado (...) Designamos por Aparelhos Ideológicos de Estado um certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas (ALTHUSSER, 1980, p. 42-43).

Para ALTHUSSER (1980) não haveria como dominar e manter tal poderio repressivo se não fosse todo arcabouço de uma conjuntura compulsória através de um aparelhamento institucional prescritivo de uma realidade tida como onipresente. Por conseguinte, além do desdobramento psíquico da percepção de construção da realidade, atuaremos numa escrita de cunho qualitativo em DESLANDES (2007) frisando em estrita correspondência fulcral com a realidade política/econômica/escravocrata voltada para a influenciação no indivíduo, conquanto tais aparelhos ideológicos do Estado se insiram, dialoguem e si retroalimentem de forma cíclica (*ad continuum*ⁱⁱ) em subjetividades qualitativas. A exemplo temos que:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes (...), pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes (DESLANDES, 2007, p. 21).

Não obstante, objetivamos atentar para as forjas que criaram um mundo recheado de desigualdades, além do racismo, exploração e subjugação do Ser Humano, em especial aquele/aquela etnia(s) que sofreram um racismo sistêmico e estruturalⁱⁱⁱ (ALMEIDA, 2019). Neste íterim, subdividimos este trabalho para facilitar a compreensão pontual destes reveses históricos - culturais e das raízes da opressão colonial atentando-nos a experiência de investigar o colonialismo versus a decolonialidade enveredando por um procedimento bibliográfico, pois para GIL (2009),

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado (GIL, 2009, p. 41).

Dessa feita, teremos a literatura decolonial em autores de requinte intelectual para basilar nossas observações das origens e consequências do escravismo como moeda de troca do capital e silenciamento das matrizes étnicas singulares.

A COLONIALIDADE DO SER E DECOLONIALIDADE COMO RESISTÊNCIA AO PODER IMPERIALISTA

Entende-se sobre colonialidade do Ser um processo sistêmico de domínio global, donde o Ser Humano de etnias alienígenas (não europeus) foram perseguidos e tratados como objetos de troca/venda, bem como meios de produção do capital. Entretanto, a violência e o silenciamento das etnias singulares não aconteceram de forma pacífica. Isto é, houve resistências de tal monta, que a construção de uma filosofia no sul global é consequencial deste desvelamento crítico e investigativo da sistemática brutal, coativa e desumana.

Assim sendo, tal contexto de alienação dos sujeitos em coisas e exploração (via escravidão) não seria possível sem o desenvolvimento de uma elaborada teologia-ideológica, assim como psicofilosófica, posto que deram suporte aos atos de desumanidade imputando-os com uma certeza e fé neste processo mistificador da superioridade civilizacional europeia levada aos bárbaros outros.

Destarte, a relação intrínseca da colonialidade como ação eurocêntrica voltada para o mercado do capital e a mercantilização do humano, ao qual apesar dos assassinatos epistêmicos, e do silenciamento da ancestralidade étnica não foi suficiente face a redivida ânima do humano em busca de liberdade, a qual se fez crescente e presente na resistência através do conceito da práxis decolonialista como embate e lutas contra este aparelho opressor mundializado. Neste sentido, MALDONADO (2007) advoga:

A colonialidade do poder refere-se à inter-relação entre as formas modernas de exploração e dominação, e a colonialidade do conhecimento tem a ver com o papel da epistemologia e das tarefas gerais da produção de conhecimento na reprodução dos regimes coloniais de pensamento. A colonialidade do ser refere-se, então, à experiência vivida da colonização e seu impacto na linguagem. (MALDONADO, 2007, p. 130)^{iv}.

Assim, para o autor supracitado, a colonialidade rima com exploração, dominação e tem todo um arcabouço de amparo político, social, econômico e teológico como mosaico colonialista. Isto é, a experimentação deste viver subalternizado por séculos foi o paradigma para o poder, o saber, e o Ser através de uma necropolítica (política de morte), que definia quem eram humanos e que

transformou a natureza humana universal^v em vidas matáveis, desumanizados e corpos objetificados (comercializáveis). Ao dizer de MBEMBE (2018) a necropolítica é:

Nesse caso, a soberania é a capacidade de definir quem importa e quem não importa, quem é “descartável” e quem não é. A ocupação colonial tardia difere em muitos aspectos da primeira ocupação moderna, particularmente em sua combinação entre o disciplinar, a biopolítica e a necropolítica. A forma mais bem-sucedida de necropoder é a ocupação colonial contemporânea da Palestina (MBEMBE, 2018, p. 33).

Dessarte, temos que a vida humana se resume a um brinquedo de ideologias e instituições, às quais mancomunadas com o poder vigente do colonialismo e, por extensão do imperialismo, são as normativas definidoras das relações e interrelações do poderio da bestialidade sistêmica e da coisificação do Ser, enquanto alteridade.

ANTROPOLOGIA EUROCÊNTRICA E SUA VISÃO UNILATERAL DO MUNDO

O estudo da decolonialidade revisita os conceitos universais de homem, povo, cultura e mundividências em flagrante contraponto dialético com a ontologia de cunho europeu, que tem como característica o *modus vivendi* do homem branco tido como colonizador, vanguardista e paradigma de civilização. Este Ser europeu, na historicidade do mundo, outorgou sob o jugo da chibata (ferocidade) o princípio e motor para propeler o domínio submetendo o globo e arquitetando ideais de egolatria superior perante as ditas civilizações bárbaras.

Não obstante, a égide de autenticidade europeia nunca se atentou para a construção de laços fraternos com as alteridades étnicas. Posto que sua linha de conduta vigorou como ação de mercado, tráfico, imposição de cosmovisões e pretensas verdades universais e supremacistas.

A valorização das historicidades outras, que deveriam ser as expressões-ricas de significados - das existências étnico-culturais em sua diversidade(s) passou a ser usada como diferença, subjugação, silenciamento e sublevação de um Ser Humano dito Universal (europeu) como protótipo civilizacional. Logo, de nada adiantou o iluminismo e o renascimento surgidos na Europa como esperança de evolução científica e cultural (mesmo tendo por séculos), a filosofia como esteio europeu para o entendimento do Ser Humano como criatura inacabado, logo aberto às possibilidades do viver em comunhão na diversidade planetária.

Sem tardança, o chauvinismo europeu subjugou as formas de Ser e saber – inclusive – ressignificando o tempo como o compreendemos – ante mundo, fenômenos, mitos e no Outro) como unidade de medida e vetor amalgamado a um sistema econômico plutocrático sob a

hegemonia da burguesia, a qual nublou as formas outras de existir e estar no mundo sob o jugo do expansionismo da virulência física, psicológica e, quando não teológica-metafísica.

A CONTEMPORANEIDADE VIRA O JOGO DAS INTERRELAÇÕES POLÍTICO-SOCIAIS: o pensamento contemporâneo como expressão crítica da ruptura com o eurocentrismo

Com o advento das revoluções político – sociais (Rev. Americana, Francesa etc). A visão e postura do homem (europeu) foi questionada através do Iluminismo de Galileu a Descartes. De Nietzsche a Wittgenstein - para quem o questionamento sobre o ser - não cabia numa essência estanque e monolítica dada por algum ser numinoso.

Estes panoramas filosóficos – após o Iluminismo e a Renascença - estão mais identificadas como buscas de posicionamentos, ações e escolhas autênticas num mundo construído no embate entre o sujeito (que conhece)^{vi} no trato socio-ontológico-epistêmico e em jogos de linguagens^{vii} (Wittgenstein) como pano de fundo para a criação e movimentação civilizacional. Assim, o aspecto antropológico-filosófico entrópico se digladiava com a universalização do capitalismo e da economia, posto que infundem (no Ser Humano) além da dominação e subjugação - uma autoimagem - distorcida para as populações dominadas, ideologizadas gerando pessoas patologizadas, ou melhor, indivíduos que perdem sua subjetividade e ancestralidade transformados em ‘coisas’ comercializáveis e inferiorizadas.

Por isso, a ideia de identidade pela raça é um poderoso instrumento de segregação e submissão, porquanto QUIJANO (2005) já o denunciava:

A codificação das diferenças entre conquistadores e conquistados na ideia de "raça", uma suposta estrutura biológica que colocava alguns em situação natural de inferioridade em relação aos outros. Os conquistadores assumiram essa ideia como elemento fundamental e constitutivo das relações de dominação impostas pela conquista [...] O outro processo foi a constituição de uma nova estrutura de controle sobre o trabalho e seus recursos, ao lado da escravidão, da servidão, da produção independente de mercadorias e da reciprocidade, em torno e com base no capital e no mercado mundial. (QUIJANO, 2005, p. 117).

A propagação de tal diferença teria o tônus de enfermar e alienar as alteridades oprimidas pela violência (física e psicológica). Isto é, após serem vencidas pela força - sobreria às etnias - serem convencidas de sua inferioridade física, mental e espiritual, que é expressão máxima de pertencimento ao existir no mundo da vida. Á vista disto, o triunfo completo do colonialismo,

estaria na paradigmática do *modus vivendi* da etnia branca tida como superior, que aliando-se à escravidão sistêmica seria imposta como base estruturante para o controle.

Não por contingência, filósofos como SARTRE (2011), dialetizam contrários a esta esfera - de que o homem é algo dado por Deus - e nos desdobra em armadilhas mentais nos conduzindo ao nada como abertura de possibilidades infindas.

(...) Na pergunta interrogamos um ser sobre seu ser ou maneira de ser. E esse modo de ser ou esse ser está velado: fica sempre em aberto a possibilidade de que se revele como Nada. Mas, da mesma forma como um Existente sempre pode revelar-se como nada, toda interrogação subentende um recuo nadificador com relação ao dado, que se converte em simples apresentação, oscilando entre o ser e o Nada. Importa, pois, que o interrogador tenha a possibilidade permanente de desprender-se das séries causais que constituem o ser e só podem produzir ser (...). (SARTRE, 2011, p. 66).

Isto é, este sujeito estaria aberto às possibilidades de escolhas, posto que não sendo criado só o resta a descoberta de si (*nosce te ipsum* socrático) através de suas escolhas via percepções de mundo entre o eu, o outro e a força cultural como *background*^{viii} de cimentação das relações ubíquas. Porquanto, onde não há tal entendimento do ser humano, enquanto um Eu em interação e autonomia é – invariavelmente - transformado em coisa pelo olhar/subjetividade do outro, enquanto instrumento colonialista para o comércio e o capital.

Dentro deste embate do colonialismo – como expressão do Eu egocêntrico - versus o panorama da decolonialidade como alteridade antropocêntrica existem, pois diversificadas maneira de entender ideias, pensamentos e ideologias ao transitarmos na mudança da colonialidade pelo *giro decolonial* das epistemologias do Sul (SANTOS, 2006). A saber:

(...) As epistemologias do Sul são o conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam essa supressão, valorizam os saberes que resistiram com êxito e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos. A esse diálogo entre saberes chamamos ecologias de saberes. (SANTOS, 2006, p. 13).

Talvez, uma das mais significativas contribuições destas epistemologias do Sul advenham da revalorização de identidade, mundividências, pertencimentos e sentido de humanidade. Todavia, a história humana mostrou-nos que o sentido de humanidade foi suplantado – pontualmente – pelo comércio de coisas e pessoas. Destarte, em MARX (2010) para quem não há estudo da historicidade sem levar em consideração as bases materiais e dos modos de produção de uma civilização. Malgrado, a dialética entre (o senhor e o escravo sob a linha hegeliana) não seja uma casualidade,

posto que se baseiam nos modus de produção e distribuição espelhados nas condições materiais como mantenedor (*do status quo*) ou transformador (revoluções) pelas lutas de classes.

A partir do momento em que as abordagens se tornaram mais humanistas – a busca pelo imo - nas distinções e dessemelhanças passaram a ser utilizadas como ideologias inclusivas versus as formas hegemônicas de dominação. Destarte, coube a Freud/Jung/Lacan e seus pares buscarem a origem do estar e Ser no mundo como reflexo de horizontes psíquicos e possibilidades de rupturas com as forças internas (complexos) e externas (força sociocultural) baseada em construções simbólicas e representativas.

Assim, as interações e hierarquias sociais, mesmo exercendo uma pressão paradigmática, não são suficientes para desfazer a crítica como ruptura desta vontade de ascendência eurocêntrica, da política de morte e coerção global de etnias outras. Infelizmente, a resposta destes dilemas de poder, violência e submissão também não estavam aclaradas pelo inconsciente pessoal (FREUD, 1900) e coletivo (JUNG, 1980), posto que – até então – o mapeamento mental nos desvelou os efeitos e consequências patológicas no viver da humanidade tanto do dominador como do dominado. Para JUNG (1980):

(...)Temos que distinguir o inconsciente pessoal do inconsciente impessoal ou suprapessoal. Chamamos este último de inconsciente coletivo, porque é desligado do inconsciente pessoal e por ser totalmente universal; e também porque seus conteúdos podem ser encontrados em toda parte, o que obviamente não é o caso dos conteúdos pessoais. O inconsciente pessoal contém lembranças perdidas, reprimidas (propositalmente esquecidas), evocações dolorosas, percepções que, por assim dizer, não ultrapassaram o limiar da consciência (subliminais), isto é, percepções dos sentidos que por falta de intensidade não atingiram a consciência e conteúdos que ainda não amadureceram para a consciência. Corresponde à figura da sombra, que freqüentemente aparece nos sonhos. As imagens primordiais são as formas mais antigas e universais da imaginação humana. São simultaneamente sentimento e pensamento. Têm como que vida própria (...) (JUNG, 1980, p. 60).

Nestes termos, a escravidão e o colonialismo, têm efeitos funestos nas psiquês das pessoas e povos - ao longo da história da escravidão - e do comércio como fim último para o progresso da civilização e que gerou as tramas e tessituras do racismo (pessoal e estrutural), quando não social da modernidade. Destarte, para reorientar as psiquês via dialética é necessário a inversão dos valores excludentes das elites dominantes por um ‘giro decolonial’, sendo este o propulsor da desobediência epistêmica e civil, quando do confronto com novos saberes outros. Para MALDONADO (2007)

A virada decolonial é a abertura e a liberdade de pensamento e de outros modos de vida (outras economias, outras teorias políticas); a limpeza da colonialidade do ser e do conhecimento; o distanciamento da retórica da modernidade e de seu imaginário imperial articulada na retórica da democracia. O pensamento decolonial tem como razão de ser e objetivo a decolonialidade do poder (isto é, da matriz colonial do poder). (MALDONADO, 2007, p. 29-30).

Não obstante, para finalizar o giro colonial é premente uma confrontação com o *status quo* nos meandros das manifestações/manutenções das hierarquias, padrões de valores, raça, sexualidade e gênero, assim como ao enfrentamento do processo civilizatório contra a história da conquista (submissão), escravização. À vista disso, resistir é decolonizar sob o emblema humanístico de valorizar o Ser Humano independente de oposições imperialistas. Por esse motivo DUSSEL (1993) nos aclara que: “A história universal vai do oriente para o ocidente, a Europa é absolutamente o fim da história universal, a história universal é a disciplina da vontade natural dirigida para universalidade e para liberdade subjectiva” (DUSSEL, 1993, 13).

Se a história colonialidade liga-se à Europa e seus meandros políticos (com ênfase na necropolítica) o efeito pode ser visto como ações da economia de exploração e escravidão. Logo, não seria ímpar conjecturar que tais aspectos impactassem na colonialidade do poder subdividido para além dos caracteres supracitados e também estariam orbitando a autoridade, nas relações de gêneros e sexualidade, assim como a subjetividade do conhecimento – no caso europeu – imposta aos povos dominados.

AS RESISTÊNCIAS ANTIEUROPEIAS NA CONTEMPORANEIDADE

Como tentativa de superar a outorga europeia e as demandas pelo poder, saber e Ser subsidiada pela ideia de raça - como suporte biopsicossocial - para a ignominiosa presença segregativa do outro (no mundo do existir) é que se insurgem autores como W. E. B. Du Bois, que ressignifica o verdadeiro problema colonial numa espécie de responsabilização da ‘linha de cor’ como a causadora do retrocesso civilizacional global. Tal trato segregacionista limitam as oportunidades e restringem as pessoas de ‘cor’ a nichos (guetos) e estratos sociais-econômicos (favelização, uberização, precarização) demonstrando o racismo estrutural em sua nítida formação primevas.

Neste sentido, o efeito da colonização - racista e excludente -, deve servir como despertar para uma consciência de si mesmo e da luta de classe contra a opressão. Urge pois, que (o ser negro) vislumbre saídas criativas deste labirinto de Dédalo^{ix} se acercando das ações antirracista como instrumento de politização e autoestima. Por isso, DU BOIS (1998) esclarece que:

Lá atrás, nos dias de escravidão, pensavam que a força de um evento supranatural, divino, poria termo a todas as dúvidas e desapontamentos; poucos homens haviam venerado a liberdade, com a metade da inquestionável fé, como fez o negro americano, por dois séculos. Para ele, na medida em que sonhava e raciocinava, a escravidão era, realmente, a soma de todas as vilanias, a causa de todo sofrimento, a origem de todo preconceito (...) DU BOIS, 1998, p. 41).

Eis o desvelamento das mazelas pessoais e sociais do negro no universo de segregação e racismo imposto pelo sistema europeu da economia, à política, da biologia (naturalista, geneticista) à estética (beleza, arte, belo) e, por fim, à tratativa da liberdade do alvedrio via percepção da concretude do real, enquanto consequência do problema histórico (colonialismo, mercantilismo, racismo) e cultural (religião, estética, valores, metafísica), que tiveram como sequele malsã/patológica a escravidão.

A CONCLUSÃO

Assim, podemos compreender que um dos primeiros passos para a superação do racismo é enfrentar a estrutura social europeia imposta pelo *status quo* da civilização branca. Sem embargo, descolonizar a história e decolonializar a mente é um importante fator de desalienação face a realidade vivida. Outrossim, é protagonizar – as civilizações escravizadas – em agentes políticos como revalorização do Ser Outro num universo, que priorize a convivência humana, enquanto processo de humanização global.

Destarte, reconstruir toda uma história é um trabalho hercúleo, mas sem o qual não há vitória real contra o racismo, porque a eliminação das diferenças como dísticos separadores e não como pontos de encontro em vista da riqueza na diversidade. Desta forma criaremos um encontro entre o Eu e um Tu em comunhão com um nós (BUBER, 2001).

Referências

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 264 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro).
- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1980. p. 41-52.
- BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Tradução do alemão, introdução e notas por Newton Aquiles Von Zuben. 10. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

- DU BOIS, W.E.B. **As almas do povo negro**. Tradução e notas: José Luiz Pereira da Costa. Editora *Lumen Juris*. 1998.
- DESLANDES, Suely Ferreira **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Suely Ferreira Deslandes, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza MINAYO (organizadora). 26. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- DUSSEL, E. (1993). **1492: O Encobrimento do Outro - A Origem do Mito da Modernidade**. Conferências de Frankfurt. Vozes Editora, Petrópolis.
- FREUD, Sigmund. *A Interpretação dos Sonhos* (1900). Companhia das Letras: São Paulo.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- JUNG, Carl Gustav. **Psicologia do inconsciente**. Tradução de Maria Luiza Appy. Petrópolis, Vozes, 1980. (Obras completas de C. G. Jung, v.7, t.1).
- MALDONADO-TORRES, Nelson. **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global** / compiladores Santiago Castro-Gómez y Ramón Grosfoguel. – Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Tradução Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.
- MARX, KARL. **O Capital – Crítica da economia política**. Tradução Rubens Enderle; São Paulo: Boitempo, 2010.
- QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. 2005.
- SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada - Ensaio de ontologia fenomenológica**. Tradução de Paulo Perdigão. 20. ed.- Petrópolis, RJ :Vozes, 2011.

Autor

Eberson Luís Mota Teixeira

Possui licenciatura em filosofia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA - 1998).

Tem especialização em Filosofia Contemporânea (Faculdade São Bento da Bahia - 2007) e especialização em Gestão e Políticas Públicas para a Educação Básica - Universidade Estadual da Bahia (UNEB - 2014).

Mestre no Programa de Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social. (MPIES) da Universidade Estadual da Bahia (UNEB - Ba). É atualmente professor EBTT do Instituto Federal Baiano – Campus Bom Jesus da Lapa - BA. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9660-6407> Plataforma lattes: <http://lattes.cnpq.br/0750874662387230>.

ⁱ Modo de ser, hábitos, costumes. Nota do autor.

ⁱⁱ Ininterrupto. Nota do autor.

ⁱⁱⁱ Primeiro, ao demonstrar que o racismo transcende o âmbito da ação individual, e, segundo, ao frisar a dimensão do poder como elemento constitutivo das relações raciais, não somente o poder de um indivíduo de uma raça sobre outro, mas de um grupo sobre outro, algo possível quando há o controle direto ou indireto de determinados grupos sobre o aparato institucional (ALMEIDA, 2019. p. 31)

^{iv} Colonialidad del poder se refiere a la interrelación entre formas modernas de explotación y dominación, y la colonialidad del saber tiene que ver con el rol de la epistemología y las tareas generales de la producción del conocimiento en la reproducción de regímenes de pensamiento coloniales, la colonialidad del ser se refiere, entonces, a la experiencia vivida de la colonización y su impacto en el lenguaje. (MALDONADO, 2007, pg.130).

^v Ver: Declaração Universal dos Direitos humanos (1948) – nota do autor.

^{vi} “Ser é ser conhecido”. Citação de Berkeley.

^{vii} Tessitura da palavra, frase e linguagem dependentes do contexto cultural. Nota do autor.

^{viii} Segundo plano. Nota do autor.

^{ix} Criador do labirinto do Minotauro. Nota do autor.